

## Caos e violência

Evaristo E. de Miranda

14/03/2007

*"Não pensem que eu vim trazer paz à terra;  
eu não vim trazer a paz, e sim a Espada".  
Mateus 10,34-35*

Como Perseu somos chamados a usar a **espada** e cortar a cabeça da Medusa do Caos. Como Perseu, neste virada de milênio, temos um encontro marcado, pessoal e intransferível, com a violência. Na rua, em casa, no trabalho, em nossa agenda pessoal já tivemos e teremos muitos encontros com situações de violência, até no sentido mais estrito do sangue derramado. Mas etimologicamente violência em latim significa força (*vim*). E a força tanto pode ser usada pelo Mal como para derrotar o Mal. A violência, em sua ambivalência, é um chamado ao discernimento, à medida e à coragem. Somente quem realiza um casamento com seu Cosmos interior, somente o ser inteiro, está pronto para usar judiciosamente a espada da violência. Sobre essa dimensão, na tradição judaica e cristã, o Espírito fala e coaliza há milhares de anos. Nesse lento e pedagógico caminho do Caos ao Cosmos, muitas pessoas - assustadas diante da violência dos dias de hoje - parecem querer voltar ao Caos ou se imobilizar numa pretensa atitude doutrinal de não-violência. O que ensinam a Bíblia e outras tradições religiosas no tocante o trato e o convívio com a violência e a desmedida?

Na tradição judaica a grande revelação sobre a violência, e sobre o discernimento que deveria acompanhar seu uso, está no próprio nome do Ser: YHWH, Jeová, Javé ou Yahweh. Admite-se geralmente Yahweh como uma forma arcaica da terceira pessoa do imperfeito do verbo ser, significando: "Ele é" e ainda: "Ele faz ser". Quando Deus fala dele mesmo, emprega a primeira pessoa: "Eu sou" (*Ehyeh*). Mas na famosa resposta a pergunta de Moisés: "Qual é teu nome?" os intérpretes modernos vêm "Eu sou aquele que sou", insistindo sobre a transcendência inominável de Deus. Mas esse nome sagrado, YHWH, impronunciável para os judeus, era "vocalizado" na leitura das consoantes do tetragrama que compõe: YOD, HE, WAL, HE. Esse tetragrama possui um significado e uma revelação simbólica fundamental: a espada. Onde Yod é o pomo, Wal a lâmina e He - de cada lado da lâmina- os dois gumes de afiados cortes.

Y  
H H

W

O Livro de Zohar, ampla reflexão rabínica e judaica, sobre as sagradas escrituras, desenvolve esse aspecto considerando a forma e o significado de cada letra grafada em hebreu. Um precioso comentário da teóloga francesa Annick de Souzenelle sobre esse tema é apresentado, de forma resumida, a seguir. Lembremo-nos somente que para se construir como Ser, como Verbo, como Logos, o homem deverá fazer uso da Espada. Como diz Paulo aos Hebreus: "A Palavra de Deus é viva, eficaz e mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes; ela penetra até o ponto onde a alma e o espírito se encontram, e até onde as juntas e medulas se tocam; ela sonda os sentimentos e pensamentos mais íntimos. Não existe criatura que possa esconder-se de Deus; tudo fica nu e descoberto aos olhos dele; e a ele devemos prestar contas" (HEB 4:12). E nesse sentido, não só a criatura não pode se esconder de Deus, como as leis ontológicas que a estruturam são absolutas.

O sangue representa a vida e a presença divina no vivente. Verter o sangue é de uma inimaginável gravidade, fruto de uma amnésia da consciência. Moisés passa por essa experiência quando mata e enterra um egípcio ao encontrá-lo oprimindo e maltratando um de seus irmãos hebreus. Esse ato, mesmo em legítima defesa de um oprimido, o levará ao exílio na terra de Madiã. Com os anos as conseqüências desse ato levarão ao despertar de sua consciência e a a experiência pessoal de Deus. Moisés engajará a força e a violência no processo de libertação de seu povo como saída do Caos indiferenciado - onde hebreus e egípcios, bem e mal se misturavam - em direção ao Cosmos espiritualizado. De forma equivocada, para se singularizar e se "diferenciar" do irmão Abel, temente a Deus, Caim o assassina. "A voz do sangue do teu irmão clama a mim desde a terra " (GN 4:10). O sangue de teu Yod, subentendido YHWH, o Verbo. Mas Deus não mata Caim. Deus o condena ao trabalho e ao exílio e a meditar sobre seu crime até sua morte. Caim teme pela sua vida. Deus avisa: ai de quem matar Caim, sete vezes será castigado (GN 4:15). Ao marcá-lo, com a marca do criminoso, Deus o protege para que não o ferisse qualquer que o achasse. Esse texto arquetípico visa mais banir a pena de morte, a vingança e a desmedida do que denunciar a famosa "maldade" do gênero humano. Não sejamos capturados fusionalmente pelo ódio, não nos tornemos assassinos como Caim, marcado para sempre pelo seu ato.

Também no Egito dos Faraós, estabelecido sobre conquistas sanguinárias, os homens serão chamados a um processo alquímico de transmutação, do visível ao invisível. E o primeiro ato de violência será a praga (prodígio) pela qual se transformará ou transmutará a água do Nilo, símbolo da vida, em sangue. A água, a umidade e as trevas, por oposição ao seco e a luz, representam no judaísmo o inconsciente, o irrealizado, o incompleto. Para sair da inconsciência o homem deve se forjar uma espada. Uma espada para separar e diferenciar, cortando as fusões e confusões. Mas a dificuldade do povo hebreu em sair do estado de fusão em que se encontrava com a sociedade do Egito será muito grande. YHWH, que não se compraz nem deseja o sofrimento de seu povo, será obrigado a endurecer o coração do faraó repetidas vezes até que o povo hebreu adquira consciência e discernimento para iniciar sua caminhada de libertação.

Foi num casamento, num matrimônio, nas bodas de Caná, que Jesus começou seu ministério. E o fez transformando a água em vinho e não em sangue. É interessante destacar que Caná tem a mesma raiz que Caim (adquirir). Isso ocorre e só é possível após a tentação de quarenta dias no deserto, onde Jesus dialogou com seu lado escuro e mais profundo. Após a transmutação do seu interior, ele mesmo forjou sua Espada, cuja lâmina dos desejos será sempre afiada na mó do amor. Enquanto Caim a dirigiu contra o Outro, Jesus a dirigiu contra si mesmo. Por isso, no passado, muitos santos cristãos já apresentavam Jesus como a sétima jarra das bodas de Caná e a água transmutada em vinho nas primícias de seu sangue. Encerra-se a necessidade de transformar-se a água em sangue como na primeira praga do Egito. Agora é dado a conhecer um outro caminho. A água se torna vinho como primícias do sangue que será vertido pela salvação do mundo. A vinificação é alegoricamente a espiritualização da vinha. É a emergência do Incriado no criado, unidos como o Ying e o Yang, como sal da terra e luz do mundo. É a subida pelos graus de energia e consciência, do visível para o Invisível. Essa dinâmica quase sempre se opera, à sombra da espada, com a violência necessária ao exercício do discernimento e da integração, separando para integrar: separar o hebreu do egípcio ou a verdadeira mãe da falsa-mãe no episódio das prostitutas e do célebre Julgamento de Salomão.

A sombra redentora dessa espada é trazida por Jesus quando afirma: "Não pensem que eu vim trazer paz à terra; eu não vim trazer a paz, e sim a Espada. De fato, eu vim separar o filho de seu pai, a filha de sua mãe, a nora

de sua sogra. E os inimigos do homem serão os seus próprios familiares" (MT 10:34-36). Uma das chaves da compreensão desse texto polissêmico está na espada diferenciadora, como sinaliza Marie de Balmory no livro *Le Sacrifice Interdit - Freud et la Bible*. O sentido dessa espada, em grego *machaira*, não significa a arma de combate mas, inicialmente, o grande punhal usado nos sacrifícios. Ao invés de levantar os familiares uns contra os outros, como em certas traduções antigas da Bíblia em português, as traduções recentes resgataram o sentido de "fazer dois", de separar em dois o que poderia se tornar um, se a espada não chegasse a tempo. Como no sacrifício de Isaac, Abraão se separa de um filho que não lhe pertencia. Ao aceitar o pedido de Deus, Abraão sacrifica o vínculo possessivo e estéril com seu filho único. O filho que se tornasse um com seu pai se tornaria a mesma coisa que seu pai! O mesmo a filha com sua mãe. Essa ausência de separação está na origem de tantas infelicidades e desgraças de pessoas que mantém com um dos pais um estado fusional, parecido a situação intra-uterina onde dois formavam um. Quem é a mãe segundo Salomão? É aquela que ama seu filho mais do que sua ligação com seu filho. É aquela que sacrifica sua ligação com o filho. Enquanto a outra mãe, possessiva, é apresentada no texto como tendo sufocado e matado involuntariamente seu filho, por dormir com ele na mesma cama! A verdadeira mãe aceita que a espada, invocada por Salomão, passe entre ela e seu filho, para que este viva. Ao falar, a mãe verdadeira não aceita a arbitragem proposta por Salomão e, pelo amor, escreve a história, sob a sombra redentora da espada.

A diferença entre "eu te amo porque você é meu" e "eu te amo porque você é seu" tem a dimensão da lâmina de uma espada, numa feliz expressão de Marie Balmory. Esses pensamentos, freqüentemente inconscientes ou implícitos, dependendo da inteireza do ser podem decidir a felicidade ou a desgraça dos seres humanos. Como essa autora sinaliza, enquanto em nossas línguas e em nossa época a idéia de pacto, contrato e casamento traz imagens de ligação e nós atados, no hebreu bíblico se "corta" uma aliança com alguém. Separar pai e filho, diferenciar filha e mãe é um trabalho que a espada opera inclusive entre não parentes, entre nora e sogra. Esse destaque é importantíssimo pois como no livro do Gênese, o homem é chamado a deixar seu pai e sua mãe (diferenciados) e se unir a sua mulher. Como o homem poderia fazer isso se a nora fosse igual a sogra? Ele estaria trazendo para sua casa a própria mãe! Ele estaria voltando para a própria mãe! E quantos não engajam suas vidas nesse caminho! A tragédia de Édipo é o exemplo desse curto-circuito do desejo. Pensa estar casando com uma

estrangeira, de outra cidade, quando na realidade casa-se com sua própria mãe.

Essa preocupação com a diferenciação é permanente na Bíblia. Os mandamentos de Deus ensinam honrar pai e mãe e não os pais. Isso significa reconhecer cada um, pai e mãe, na sua condição e alteridade. Para muitas pessoas só um dos pais conta realmente, o outro ficando em plano secundário. Talvez seja uma das realidades mais comuns a serem enfrentadas nos consultórios de psicólogos e psicanalistas. Quem honra pai e mãe não confundidos, com seus devidos pesos, não pertence mais a nenhum. Honrar significa reconhecer o peso de cada um, já que a raiz hebraica do verbo honrar, *cabad*, tem o sentido de pesar. Como sinaliza Marie Balmory o peso representa a primeira maneira de se apreciar o valor nas trocas. Apreciar a devida dimensão do outro é evitar a violência cega e agir na medida, evitando que o inconsciente invada nossa vida como as rãs da segunda praga do Egito. Sabemos como é difícil, muitas vezes, encontrar a palavra certa para elogiar ou criticar alguém. É difícil encontrar os termos justos ou a medida para analisar um ato ou uma omissão. Nossa fome, fraqueza e impaciência nos levam a querer tudo e já, sem refletir, como Adão e Eva ao comer do fruto proibido. Diante da violência, ameaçados ou vítimas, nossa reação é ainda pior. Caímos na trágica desmedida onde o que se pensa propor para conter a violência pode gerar mais violência num ciclo infundável.

Cada homem pode forjar uma Espada e usá-la no sentido da transmutação de seus conhecimentos inconscientes em saber e sabedoria. Nunca em poder ou idolatria. Da mesma forma em que a água foi transformada em vinho em Caná e não mais em sangue como no Egito. Pelo amor esse vinho será transmutado em sangue e ainda pelo amor esse sangue será transformado em Espírito de salvação. Na tradição cristã, Jesus se apresenta como a verdadeira videira e seu Pai o agricultor. "Todo ramo que não dá fruto em mim, o Pai o corta. Os ramos que dão fruto, ele os poda para que dêem mais fruto ainda." A vinificação é uma espiritualização da vinha, como já dissemos, mas também da vida no sentido figurativo apresentado por Jesus. Na última ceia Jesus transforma o vinho em sangue de aliança, derramado em favor de muitos. Jesus anuncia que, daquele dia em diante, não beberá mais do fruto da videira até o dia em que, com seus discípulos, beberá o vinho novo no reino de seu Pai (MT 26:27-29). As próprias palavras do Cristo sobre o cálice (MC 14:24) contradizem o componente negativo do ritual pascoal dos hebreus que pedia a Deus de derramar sua fúria sobre as

nações (SL 79:6). Pelo sangue se chega ao Espírito presente no vivente, dentro da grande cadeia do Ser.

E para sermos inteiros será sempre necessário deixar pai e mãe, deixar nossa casa, deixar nossa terra, deixar nossos deuses e ir em busca de nós mesmos, como no chamado de Deus a Abraão. Não através de uma ascése mutilante mas abandonando tudo que em nós não é destinado a eternidade. Esse processo de libertação, sob o critério de bens eternos, conduz ao núcleo imortal de cada ser. Tudo é bodas para quem encontra o Ser inteiro. Estar na medida. Não devorar o outro. Afiar a lâmina dos desejos na mó do amor. Ir da água ao vinho, do vinho ao sangue e do sangue ao Espírito. Até chegar na "bebedeira" mística de Pentecostes, quando em línguas de fogo o Espírito foi derramado sobre os primeiros e erotizados discípulos. Os êxtases místicos quase sempre se revestem de erotismo pois o verbo grego *érasthai* significa: estar inflamado de amor. Sabendo esperar, perdendo e amando, o homem encontra a chave e o critério decisivo no trato e no convívio com a força e a violência, pois como diz Paulo aos Coríntios (13:4-10):

"O amor é paciente, o amor é prestativo;  
não é invejoso, não se ostenta,  
não se incha de orgulho.  
Nada faz de inconveniente,  
não procura seu próprio interesse,  
não se irrita, não guarda rancor.  
Não se alegra com a injustiça,  
mas se regozija com a verdade.  
Tudo desculpa, tudo crê,  
tudo espera, tudo suporta.  
O amor jamais passará.

As profecias desaparecerão, as línguas cessarão,  
a ciência também desaparecerá.  
Pois o nosso conhecimento é limitado;  
limitada é também a nossa profecia,  
Mas, quando vier a perfeição,  
desaparecerá o que é limitado."